



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 12 de março de 2010. Guarapuava: Hyperapophysis, 2010.

DISCIPLINA DE METAFÍSICA – RESUMO DAS AULAS

[12/03/2010]

AULA 03: EXPOSITIVA:

- I. **Conceito, Objeto e Método da Metafísica**
 3. Paradigmas fundamentais da Metafísica

MP3

§1

Considerando-se as três *epistèmes* discutidas anteriormente, em especial na medida em que uma *epistème* designa “a concepção a mais abrangente que, como tal, determina o modo próprio da investigação científica em um tempo ou em uma época por seu turno especificamente determinados”, pode-se dizer que a *epistème* enquanto tal determina uma série de *paradigmas* ou de *tipos ideais* que tanto a realizam como a particularizam no seio de cada ciência determinada. Assim, no que tange à Metafísica, é possível constatar uma série de paradigmas ou tipos ideais nos quais ela se forma e se conforma enquanto ciência: no caso da *epistème antigo-medieval*, os paradigmas do *Uno*, da *Substância* e do *Esse*; no caso da *epistème moderno-contemporânea*, os paradigmas da *Representação*, da *Intuição* e do *Conceito*; no caso da *epistème pós-moderna*, dado que a mesma está em processo de formação, ainda não é possível falar-se de paradigmas. Tais paradigmas foram propostos inicialmente, e de modo respectivo, por Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes, Kant e Hegel; não obstante a riqueza de tais paradigmas, os mesmos foram histórica e sistematicamente reduzidos às formas gerais do *Ser* e da *Consciência*, os quais, em conjunto com a *Linguagem* (como espécie de primeiro paradigma ou como forma geral dos paradigmas da novíssima *epistème*, têm sido considerados como paradigmas da *Filosofia primeira*.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 12 de março de 2010. Guarapuava: Hyperapophysis, 2010.

Paradigma aqui designa a exemplificação ou a realização exemplar de uma *epistème*; por isso, configura-se como necessária e intersubjetivamente compartilhado. Esse o sentido principal de paradigma que, de certo modo, remontando à noção grega de 'paradigma', sobretudo em Thomas Kuhn (1987, p. 67ss, p. 218, p. 244ss, p. 232ss), não pode ser senão um exemplo – ou um exemplar – da *epistème* que em cada caso se põe em questão, apresentando-se por seu turno, enquanto paradigma, como algo incomensurável. O que não significa haver uma infinidade de paradigmas para cada *epistème* em questão, mas tão somente a possibilidade de tal infinidade; a rigor, em sentido próprio, pelo menos em Metafísica, os paradigmas são muito poucos, – algo que, se se levar a sério as teses de Kuhn sobre a ciência normal, isto é, a redução dos paradigmas conflitantes em dado período a um único paradigma então aceito no âmbito de uma comunidade científica determinada (KUHN, 1987, p. 43-66), exige o reconhecimento de um paradigma dominante que, a expensas dos outros paradigmas, se confunde com a própria *epistème*, colocando estes na sombra ou mesmo dissolvendo-os. Tal é, pois, o caso do paradigma da Substância no âmbito da *epistème* antigo-medieval e o da Representação no da moderno-contemporânea, assim como, ao que tudo indica, poderá ser o da Linguagem nos quadros da *epistème* pós-moderna, esse, talvez, o motivo pelo qual Karl-Otto Apel (1993, p. 305-326) questiona a tese kuhniana da incomensurabilidade dos paradigmas e, no caso da Filosofia primeira, os reduz a pura e simplesmente três, a saber: o Ser, a Consciência e a Linguagem, estes que, na verdade, mais que paradigmas, deveriam ser considerados como *formas gerais* de suas respectivas *epistèmes* e dos paradigmas nos quais elas se realizam.

OBSERVAÇÃO ADICIONAL:

Não discutiremos aqui, neste momento, a concepção apeliana da *Filosofia primeira*, a qual ele distingue da Metafísica e cujo primeiro paradigma, segundo Apel, seria justamente o que ele designa metafísico-ontológico (ver APEL, 1993, p. 320). Essa distinção possibilita que Apel fale de paradigmas pós-metafísicos e, por conseguinte, de uma fundamentação última não-metafísica; porém, ao radicar em um equívoco, o de tomar a *determinação* [a Filosofia primeira] pelo que nela se determina [a Metafísica] e assim por inverter a relação entre ambas (fazendo da Metafísica um paradigma da Filosofia primeira), assumindo enfim como totalidade e portanto como ciência autônoma o que na verdade seria apenas um momento



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 12 de março de 2010. Guarapuava: Hyperapophysis, 2010.

subordinado ou uma das determinações da Metafísica, sua distinção resulta na confusão dos paradigmas desta enquanto ciência autônoma, assim como na das *epistèmes* nas quais eles emergem.

§2

Assim como as *epistèmes* se determinam em *paradigmas*, estes por sua vez determinam-se em *modelos*, que são precisamente o elemento constituinte do *modo próprio de ser do conteúdo* da Metafísica em cada uma, e segundo cada uma, de suas abordagens as mais exemplares. Neste caso pode-se afirmar, por exemplo, em relação ao paradigma do Uno, dos modelos platônico, plotiniano e procliano – respectivamente: *bipolar*, *hipostástico* e *henádico*; em relação ao paradigma da Substância, os modelos aristotélico, epicurista-estóico e porfiriano – respectivamente, os modelos ou as chamadas vias *substancial*, *física* e *categorial*; em relação ao paradigma do Esse, temos apenas o modelo tomásico, o qual, ao que parece, não obstante o seu estabelecimento enquanto *cânion* para o pensamento de uma Filosofia Cristã, não foi plenamente desenvolvido pelo próprio Tomás de Aquino, nem por nenhum de seus discípulos. O mesmo pode-se dizer dos paradigmas da Representação, que se perfaz em modelos os mais diversos modelos – destacando-se aqui os de Duns Scotus, Descartes, Wolff, Kant e Husserl; o da Intuição, que se desdobra por exemplo nos modelos de Espinosa, Fichte, Schelling, Bergson e, em certa medida, Vittorio Hoesle; enfim, o paradigma do Conceito, que, tal como o tomásico, nem fora plenamente acabado por Hegel – seu iniciador –, nem teve até aqui desdobramentos relevantes em relação ao estágio alcançado pelo seu fundador.

Há que se observar neste ponto, o estado de inacabamento e, por isso, de abertura dos paradigmas tomásico (nos quadros da *epistème* antigo-medieval) e hegeliano (no âmbito da *epistème* moderno-contemporânea), de modo respectivo, o *propriamente metafísico* e o *verdadeiramente especulativo*. O que ocorre em função de tais paradigmas emergirem já na



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 12 de março de 2010. Guarapuava: Hyperapophysis, 2010.

transposição e portanto na superação dos limites das *epistêmes* nas quais estariam, ainda que inicialmente encerrados e, por conseguinte, subordinados; desse modo, assim como o paradigma tomásico – que poderia ser denominado como transcendental (bem entendido, metafísico-transcendental) – como que já dialoga com a *epistême* moderno-contemporânea, tendo nele um lugar, mesmo não se subordinando a ele ou se encerrando nele, o paradigma hegeliano, o *Especulativo puro* por excelência, não só dialoga com o pós-moderno, mas, por seu turno, como que o antecipa na medida em que tematiza o reconhecimento não só nas esferas do fenomenológico (isto é, do gnosiológico e do epistemológico) e do lógico (aqui nos planos da Lógica e da Metafísica), mas ainda nas esferas do Espírito livre e do Espírito absoluto [respectivamente, as da *Intersubjetividade* (por conseguinte, da *Linguagem*) e da *Comunidade ideal do Espírito* na qual aquela se perfaz]. Situação que, de certo modo, pode contribuir na pervasão de sua *epistêmes* originárias, assumindo-as e mantendo-as ao nível das posteriores, por conseguinte, retomando-as e desenvolvendo-as em sua plenitude para além delas mesmas.

Tal é o que justifica, por seu turno, os diversos modelos nos quais os paradigmas podem determinar-se; alguns desses modelos podendo antecipar – em certa medida – paradigmas posteriores, pertencentes inclusive a outras *epistêmes*, assim como outros – enquanto se reconhecem em algum modelo precedente –, podendo retomar e desenvolver paradigmas anteriores. O que, não obstante, torna essencialmente complexa a história de uma ciência, dela não se podendo afirmar senão aquilo que cai sob o domínio da tradição de pesquisa na qual se está vinculado – algo que implica necessariamente no fato de que, de um modo ou de outro, fazer ciência é sempre já de início assumir certo modo de vida como sendo aquele de nossa experiência a mais fundamental. Enfim, isto significa que no caso da Metafísica, mais do que no das outras ciências, só se possa desenvolvê-la em se reconhecendo já no interior de uma dada tradição e, portanto, no de uma comunidade científica determinada, sendo a ignorância acerca deste ponto – ou a sua rejeição – o elemento propulsor de uma *crise paradigmática* e, assim, da dissolução da própria ciência em questão enquanto ciência.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 12 de março de 2010. Guarapuava: Hyperapophysis, 2010.

§3

Somente a partir das *epistèmes*, dos paradigmas e dos modelos que em cada caso se impõem como objeto formal de uma consideração epistêmica em torno de qualquer ciência em geral e da Metafísica em especial, é que se pode seriamente pôr em questão, por exemplo, o problema desta última enquanto ciência rigorosa, quando estará em evidência a relação entre método e sistema ou entre o procedimento de determinação e a teoria na qual e segundo a qual essas determinações terão lugar. O que diz respeito não só à forma e à estrutura do saber enquanto tal, mas também e principalmente às consequências práticas de tal saber, isto é, ao modo como ele é assumido, mantido e desenvolvido por aqueles que o cultivam enquanto saber; por conseguinte, se ele não é meramente passivo, mas também ativo, se não se limita ao *modo de conhecer*, mas avança e se perfaz como *modo de ser*, ou seja, como modo de vida – neste caso, em se tratando da Metafísica, como o modo de vida próprio espírito ou o modo da vida propriamente espiritual.

Pode-se dizer que o cerne da Metafísica continua sendo hoje o mesmo que era quando Aristóteles a ensinava aos seus discípulos; vale dizer, uma forma de atingir o *Bem* enquanto fim em si mesmo, isto é, a felicidade perfeita ou a atividade contemplativa (*Metafísica*, XII, 7; *Ética a Nicômaco*, I, 5-10; X, 6-7), *Bem* esse que, não obstante as dificuldades do indivíduo humano em nele permanecer, é algo efetivamente praticável pelos que dele se ocupam e que elegerem como *forma de vida a vida do saber*. O mesmo se diga sobre o ponto de vista de Hegel, para quem “tudo o que é humano é humano porque – e só porque – se efetua por meio do pensar”, sendo a filosofia, mais precisamente a Metafísica, “um modo peculiar de pensar, uma maneira pela qual o pensar se torna conhecer e conhecer conceituante” (*Enciclopédia*, § 2) e, por isso, capaz de conceber a si mesmo enquanto pensar, este que é a um só tempo *conhecer conceituante* e *pensar ativo*. Isso porque, embora segundo Hegel “*em si só existe um pensar*”, este “não tem estado inativo”, por exemplo, “no que respeita a religião, direito, eticidade, seja isso sentimento, crença ou representação”; razão pela qual,



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 03

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 03, 12 de março de 2010. Guarapuava: Hyperapophysis, 2010.

enfim, “a atividade e as produções do pensar estão aí *presentes e contidas*” (*Enciclopédia*, § 2, Anotação); havendo apenas que se distinguir entre “tais sentimentos e representações *determinados e penetrados pelo pensar*” e o *pensamento que os determina e penetra*. Essa a atividade precípua da Filosofia em geral e da Metafísica em especial.

§4

Em vista do que aqui foi dito, discutiremos em seguida os paradigmas fundamentais da Metafísica até então efetivos; bem entendido, aqueles que figuram nos quadros das duas *epistèmes* de certo modo já desenvolvidas ou realizadas, assim como os problemas de integridade estrutural que os acometeram e as críticas que, por isso, os mesmo receberam nos últimos séculos. Razão pela qual também discutiremos a sobrevivência de tais *epistèmes* e paradigmas das tentativas atuais e a emergência de algo como uma Metafísica especulativa enquanto a mediação das *epistèmes* e dos paradigmas anteriores no seio da nascente *epistème* pós-moderna.

§7

Referências:

- ARISTOTELES. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução brasileira de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001.
- ARISTOTELES. **Ética a Nicômacos**. Trad. Mário da Gama Kury. – 3. ed. – Brasília: EdUnB, 1992.
- APEL, K-O. Fundamentação última não-metafísica? In. STEIN, Ernildo e DE BONI, Luís Alberto (Org.). **Dialética e liberdade**. Petrópolis: Vozes, Porto alegre: Editora da UFRGS, 1993: (305-326).
- HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830)**. São Paulo: Loyola, 1995. (3 vols.).
- KUHN, T. S., **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FIM DO RESUMO!